

TRANSCOL ROSA

Mulheres se unem contra assédio dentro dos ônibus do Transcol

Elas criaram grupos nas redes sociais para desabafar e trocar ideias sobre como se defender

▄ KATILAINE CHAGAS
kchagas@redgazeta.com.br

Medo, vergonha e revolta. Ligadas por esses sentimentos, mulheres usuárias do Sistema Transcol se uniram para desabafar sobre os assédios sofridos dentro dos ônibus e pensar formas de combatê-los.

Elas estão juntas no "Transcol Rosa", nome do grupo tanto no Facebook quanto no WhatsApp. O primeiro encontro presencial será no próximo domingo, no Parque Pedra da Cebola, em Vitória, às 15 horas.

"Queremos convocar as mulheres. Vamos nos conhecer e pensar como vai ser o nosso grande ato. Queremos ganhar a simpatia das pessoas, contar nossas histórias e pensar no que fazer contra os abusos", diz a auxiliar administrativa Luciene Martins Matos, 44 anos.

O grupo quer trazer conforto para as vítimas que geralmente são culpabilizadas, inclusive pelo tipo de roupas que usam. "Estamos dentro da nossa liberdade de expressão de usar a roupa que faz a gente se sentir bem", defende Luciene.

Entre as linhas com mais reclamações do grupo estão as que fazem o caminho para o Terminal do Ibes, em Vila Velha, e a 540, que passa pela Rodovia do Contorno.

Para Gilmar Pahins Pimenta, gerente de atendimento ao usuário da Companhia de Transportes Urbanos da Grande Vitória (Ceturb), a iniciativa das mulheres irá ajudar na elaboração de ações de combate, inclusive com treinamentos para os funcionários dos terminais.

"Vai ser uma excelente fonte de informação", afirma Pimenta. Ele cita o 0800 039 1517 como um canal de denúncia da Ceturb.

Já o Sindicato das Empresas de Transporte Metropolitano da Grande Vitória (GVBus) se limitou a dizer, por nota, que "questões relacionadas à segurança pública devem ser tratadas com a Secretaria de Estado de Segurança Pública (Sesp)".



CARLOS ALBERTO SILVA

Natália, Magna, Suellen e Luciene fazem parte do grupo e convocam mulheres para irem ao encontro no domingo vestindo rosa

AGRESSÃO

"UMA AMIGA MINHA JÁ LEVOU SOCO NO ÔNIBUS"

Izy Ribeiro, 39
Cuidadora de idosos

▄ "Uma vez estava voltando da praia, de ônibus. Estava sentada no corredor e o homem começou a ralar no meu braço. Dei uma cotovelada nele. Ele ficou todo sem graça, saiu de perto e desceu no ponto seguinte. Uma amiga minha já levou um soco no ônibus. Um homem estava ralando nela e ela saiu de perto. Aí ele começou a fazer o mesmo com outra menina. Ela foi defender, deu um empurrão nele e levou um soco."

MEDO

"PODEM TER UMA ARMA DENTRO DA ROUPA"

Gilvaneide Santos, 26
Auxiliar de serviços gerais

▄ "Pego ônibus diariamente e de vez em quando isso acontece. A gente anda muito em Transcol lotado. Muitos homens não respeitam. Quando estou sentada, o homem que está em pé fica ralando na gente. Eu saio do lugar. Procuro evitar brigar porque a violência está demais. A gente nunca sabe o que eles têm. Podem ter uma arma dentro da roupa. Acontece mais em horário de pico. Tem dia que a gente não consegue se mexer."

FINGIMENTO

"ELES FINGEM QUE VÃO PEGAR ALGO NO BOLSO"

Suellen Alana, 25
Cuidadora de idosos

▄ "O mais comum é sarrar e passar a mão na gente, quando a gente senta do lado do corredor e o homem fica na janela. Eles fingem que vão pegar alguma coisa no bolso e passam a mão na gente. Eles dão sempre um jeito. Fingem também que estão mexendo na mochila. Cada dia é uma coisa. Isso é constrangedor. A gente sai cansada do trabalho e acontece isso. Evito ficar sozinha e vou para onde tem mais gente."

VERGONHA

"COMEÇOU A FALAR COISAS NO MEU OUVIDO"

Magna Reis, 44 anos
Cozinheira

▄ "Sentei do lado de um senhor, que estava do lado da janela, no último banco. Ele começou a falar coisas no meu ouvido e as pessoas perceberam. Levantei e fiquei muito constrangida. Sou muito tímida. Fiquei com vergonha e medo de as pessoas acharem que eu estava gostando. As pessoas julgam muito. Até parei de usar algumas roupas. A gente acaba se sentindo um pouco culpada. Hoje só pego ônibus em último caso."

ASSÉDIO

"ELE ESTAVA COM A MÃO NA MINHA PERNA"

Natália Souza, 19
Estudante

▄ "Estava cochilando e quando acordei, um homem estava com a mão na minha perna. Falei que ele estava bêbado e sujo e mudei de lugar. Quando estou calma, prefiro mudar de lugar. Quando estou cansada do dia a dia, olho bem para a cara do sujeito e falo rasgado logo. Em outras ocasiões, quando passo pelo corredor, homem fica de frente para mim e de costas para a janela. Ou quando estou sentada, eles passam se esfregando."



Delegada Michelle aconselha vítimas a denunciar

MARCELO PREST - 11/09/2014

"Os homens têm que respeitar"

▄ "Quem tiver condições, que reclame, que chame alguém. As pessoas acham que podem ficar impunes." É o que aconselha a delegada Michelle Meira, titular da Delegacia da Mulher de Cariacica.

Ela explica que o assédio pode ser configurado como importunação ofensiva, e até estupro, com pe-

na de 6 a 10 anos de prisão. "Homens têm que respeitar", defende a delegada.

Membro do Coletivo Femenina, Ana Lúcia Rezen-de também defende a exposição do assediador. "Já aconteceu comigo mais de uma vez. Já desci chorando do ônibus sem falar nada e já expus a pessoa. A melhor maneira é gritar."

Ela orienta que a agressão física do assediador seja evitada. "Ele pode usar o ato para se fazer de vítima ou bater de volta", diz.

O Coletivo Femenina apoiou a iniciativa das usuárias do Transcol. "Mudança de Cultura também tem que partir das mulheres. Não podemos viver para o medo", conclui Ana.